

Eixo Temático: Formação de Educadores, Reforma Agrária, Direitos Humanos e Educação do Campo

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: reflexões para ensino da matemática

ASSESSMENT IN RURAL EDUCATION: reflections on teaching mathematics

Alisson Silva Pereira¹
Carlos Cristiam Machado Sousa²
Emerson Souza Neri³
Analdino Pinheiro Silva Filho⁴

Resumo: Este artigo problematiza a avaliação no ensino da matemática no contexto da Educação do Campo, questionando as práticas avaliativas centradas na memorização, mensuração e controle. Com base em pesquisa bibliográfica e nas contribuições teóricas de Paulo Freire, Ubiratan D'Ambrósio e Cipriano Luckesi, reflete-se sobre a construção de alternativas para o ensino de matemática que valorizem práticas avaliativas de natureza formativa, contextualizada, inclusiva e emancipatória.

Palavras-chave: Educação do Campo. Avaliação. Ensino de Matemática.

Abstract: This paper problematizes assessment in mathematics teaching within the context of Rural Education, questioning assessment practices centered on memorization, measurement, and control. Based on bibliographic research and the theoretical contributions of Paulo Freire, Ubiratan D'Ambrósio, and Cipriano Luckesi, it reflects on the construction of alternatives for mathematics teaching that emphasize formative, contextualized, inclusive, and emancipatory assessment practices.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação na Educação do Campo apresenta desafios emergentes, especialmente no ensino da matemática, componente curricular muitas vezes tratado de modo essencialmente formal e com abordagens centradas na decoração de regras e fórmulas matemáticas. Ao invés de ser utilizada como ferramenta de medida de conhecimento, a avaliação no contexto da Educação do Campo, deve ser instrumento de formação que valoriza as vivências e os saberes dos educandos, visando melhorar o processo de ensino e

¹ Estudante da Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: alissonsp805@gmail.com.

² Estudante da Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: cristiam_sousa@yahoo.com.br.

³ Estudante da Licenciatura em Educação do Campo. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: es5962903@gmail.com.

⁴ Professor do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: analdinofilho@ufrb.edu.br.

aprendizagem. O presente trabalho problematiza a avaliação no ensino da matemática no contexto da Educação do Campo, questionando as práticas avaliativas centradas na memorização, mensuração e controle. Com base em pesquisa bibliográfica e nas contribuições teóricas de Paulo Freire, Ubiratan D'Ambrósio e Cipriano Luckesi, o trabalho discute a construção de alternativas para o ensino de matemática que valorizem práticas avaliativas de natureza formativa, contextualizada e inclusiva.

O artigo está estruturado em três seções, duas subseções e as considerações finais, além desta seção introdutória em que apresentamos a visão panorâmica do trabalho. Na seção 2, apresentamos a abordagem metodológica da pesquisa. Na seção 3, juntamente com duas subseções seguintes (3.1 e 3.2), discutimos sobre práticas avaliativas na educação, as especificidades das práticas no contexto da Educação do Campo e como a avaliação no ensino da matemática pode promover uma aprendizagem contextualizada, alinhada às realidades dos estudantes do campo. Por fim, tecemos algumas considerações finais.

2 METODOLOGIA

O estudo é qualitativo e exploratório visando discutir práticas avaliativa no contexto da Educação do Campo, com o foco no ensino da matemática. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica por permitir explorar uma gama de conhecimentos sobre o tema (GIL, 2002). O levantamento bibliográfico foi fundamentado em autores como Paulo Freire (1996), Cipriano Luckesi (2005) e Ubiratan D'Ambrósio (2010). A opção por essas fontes se justifica pela possibilidade de proporcionar subsídios para a análise crítica de práticas avaliativas consideradas inadequadas no contexto escolar e, além de permitir reflexões significativas para a construção de abordagens formativas, contextualizadas e inclusivas.

3 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A AVALIAÇÃO NO ENSINO ESCOLAR

O ensino centrado no professor e com foco essencialmente em uma formação de caráter técnico tende a negligenciar a formação humana integral, limitando-se a transmissão de conteúdos e a mensuração de conhecimento através da aplicação de provas padronizadas. Freire (1996) critica abordagens como essa chamando de “educação bancária” a toda prática de ensino em que o professor deposita informações nos alunos, sem considerar as suas experiências, contextos ou capacidade crítica. Essa concepção de educação conteudista ainda é bastante recorrente hoje em dia, influenciando o conteúdo e a forma como acontece muitas práticas de avaliação no ambiente escolar. É possível dizer que, baseadas em uma perspectiva

de educação bancária, as escolas ainda hoje realizam avaliações pontuais, classificatórias e focadas em mensurar o desempenho final do estudante (LUCKESI, 2005).

Entretanto, a avaliação não deve restringir-se apenas a aspectos quantitativos, conceitos formais ou práticas padronizadas e homogêneas. Seu papel vai além disso, sendo fundamental para orientar e aprimorar as práticas pedagógicas, promovendo resultados mais satisfatórios. Avaliar, neste sentido, vai muito além de atribuir notas ou decidir pela aprovação ou reprovação do aluno. Ela deve ser compreendida como um processo contínuo e formativo, capaz de diagnosticar dificuldades, apoiar o desenvolvimento de saberes e a reformulação de práticas pedagógicas, sempre respeitando as particularidades de cada estudante. Isso exige uma reflexão crítica sobre o papel da avaliação no contexto escolar e a sua função na promoção da aprendizagem e na inclusão educacional.

Nesse contexto, a avaliação deve possibilitar que os estudantes apliquem os conhecimentos adquiridos em sala de aula em diversas situações de suas vidas. Isso requer a adoção de procedimentos avaliativos que valorizem tanto o saber escolar quanto o saber popular, promovendo uma aprendizagem integrada e significativa. Segundo Luckesi (2005), a avaliação deve ser um processo contínuo, que acompanhe o desenvolvimento dos alunos e ofereça oportunidades de reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem. Para o autor, a avaliação deve ser não-pontual e inclusiva, diferenciando de práticas tradicionais que, por serem pontuais, classificatórias e seletivas, mais se parecem com exames. Nessa perspectiva, para que a avaliação seja realmente processual e inclusiva, é fundamental que ela ocorra dentro de um contexto de diálogo entre professor e aluno. Esse diálogo permite que o docente compreenda melhor as vivências dos estudantes e, com base nisso, desenvolva estratégias avaliativas mais adequadas às suas necessidades e realidades.

Essa concepção formativa e inclusiva de avaliação é bastante valorizada na Educação do Campo, já que seus princípios promovem a criação de novas práticas, tempos e espaços escolares. Além disso, enfatiza o olhar investigativo, os processos de interação entre professor e estudante, a diversidade e o respeito ao contexto sociocultural dos estudantes (BRASIL, 2002). Esses elementos são fundamentais para a construção de uma educação mais justa e significativa, que reconheça e integre as realidades específicas dos sujeitos do campo.

3.1 O Papel da avaliação na Educação do Campo

No âmbito da Educação do Campo, o ensino está totalmente ligado a realidade sociocultural dos alunos, valorizando as suas especificidades e as suas necessidades de aprendizagem. As ideias de Freire (1996) defendem que o professor deve adotar uma avaliação dialógica e humanizadora, que considere o protagonismo do educando e seu contexto de vida, especialmente nas comunidades do campo. Nesse modelo de ensino, o professor assume um papel crucial na construção de práticas avaliativas que estejam alinhadas aos princípios da Educação do Campo. Para isso, é fundamental que os educadores estejam preparados para atuar em escolas do campo, capacitados a entender e valorizar os saberes locais. A avaliação nesse contexto está em sintonia com os princípios da pedagogia freiriana, que propõe uma educação libertadora e crítica, em que o aluno é o protagonista de seu próprio processo de aprendizagem (FREIRE, 1996).

Freire (1996) afirma que o professor deve atuar como mediador do conhecimento, promovendo o diálogo entre o saber científico e o saber popular. Na Educação do Campo, essa mediação se torna ainda mais essencial, pois os alunos frequentemente possuem um vasto conhecimento prático que precisa ser reconhecido e valorizado no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o professor, deve estar atento às particularidades dos seus alunos, utilizando a avaliação como uma ferramenta para ajustar as suas estratégias pedagógicas e promover uma formação escolar mais consistente e qualificada. Além disso, é imprescindível que o professor esteja sempre disposto a rever suas práticas avaliativas, adaptando-as às necessidades dos alunos e às especificidades do contexto campestre.

A avaliação processual e formativa não deve ser entendida como um processo estático, mas como uma prática em constante amadurecimento, que deve acompanhar as mudanças na realidade dos alunos e as novas demandas que emergem no contexto pedagógico. Ao valorizar o percurso de aprendizagem do estudante, a avaliação processual impacta diversos aspectos em sua vida, incluindo a satisfação com o processo formativo.

Em contrapartida, a avaliação que está centrada exclusivamente na medição resultados tende a desmotivar os estudantes, gerando frustração, já que os processos e percursos de aprendizagem não são devidamente reconhecidos. A falta de consideração desse caminho faz com que muitos alunos enxerguem certos componentes curriculares, como a matemática, mais como um obstáculo do que como uma oportunidade de crescimento. A prática avaliativa que não reconhece a diversidade dos sujeitos envolvidos, tende a acentuar as dificuldades de aprendizagem. Embora a Educação do Campo seja fundamentada em princípios inclusivos de educação, pensar a avaliação de forma verdadeiramente inclusiva,

especialmente no ensino e aprendizagem da matemática, continua sendo um desafio significativo.

3.2 Reflexões sobre a avaliação no ensino de matemática no contexto da Educação do Campo

O ensino da matemática na Educação do Campo enfrenta diversos desafios, especialmente no que diz respeito à contextualização dos conteúdos. Com frequência, a matemática que é ensinada nas escolas é apresentada de forma isolada, e as práticas avaliativas são desconectadas das experiências dos alunos. Isso contribui para gerar a percepção de que a matemática é um conhecimento difícil e inacessível, resultando em reprovações e desmotivando os estudantes.

Uma das principais estratégias para superar esse desafio é a adoção de práticas avaliativas ligadas a projetos interdisciplinares e contextualizados, que integrem os conteúdos matemáticos ao dia a dia dos alunos e ao seu conhecimento prévio. A criação de atividades que envolvam, por exemplo, o cálculo da produtividade agrícola, o planejamento da distribuição de recursos hídricos ou a organização financeira de uma cooperativa agrícola, pode ser uma forma eficaz de demonstrar a utilidade prática da matemática e facilitar o processo de aprendizagem.

Nesse contexto, a avaliação deve ser estruturada para refletir a prática interdisciplinar, podendo assumir diversas formas, como a realização de projetos, trabalhos em grupo ou a resolução de problemas concretos ligados ao cotidiano dos alunos. Essas abordagens avaliativas permitem que o professor tenha uma visão mais holística do desempenho dos alunos, levando em consideração não apenas o domínio teórico, mas também a sua capacidade de aplicarem os conhecimentos que são produzidos em situações práticas. D'Ambrósio (2010) ressalta a importância de uma abordagem contextualizada no ensino de matemática, destacando que o conhecimento deve estar alinhado às práticas socioculturais da comunidade. Isso inclui, naturalmente, as práticas avaliativas.

A avaliação na Educação do Campo deve ser entendida como um processo contínuo e contextualizado, que reconheça e valorize as vivências e os saberes dos alunos. No ensino da matemática, isso demanda a criação de práticas avaliativas que integrem o conhecimento científico aos saberes populares, promovendo uma aprendizagem significativa e emancipatória. Ao adotar uma avaliação crítica, formativa e contextualizada, o professor contribui para o desenvolvimento da autonomia dos alunos e para a construção de uma

educação que respeite e valorize as realidades do campo. O objetivo é fornecer *feedbacks* constantes, permitindo que os alunos possam identificar suas dificuldades e avancem no processo de construção do conhecimento matemático de forma mais consistente.

Para que a avaliação cumpra o seu papel formativo e inclusivo no ensino de matemática, é fundamental que os alunos participem ativamente do processo avaliativo. Isso pode ser feito por meio da autoavaliação, que oferece aos estudantes a oportunidade de refletirem sobre o próprio aprendizado, identificando as suas dificuldades e conquistas. A autoavaliação promove o desenvolvimento da responsabilidade e autonomia, incentivando os alunos a assumirem um papel ativo no seu processo de aprendizagem, envolvimento importante para o aprendizado em matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trouxe à tona a problemática da avaliação no ensino da matemática no contexto da Educação do Campo, questionando as práticas avaliativas centradas na memorização, mensuração e controle. A pesquisa demonstrou que avaliar é diferente de fazer exames, que ainda tem sido uma prática recorrente. Além disso, o estudo mostrou que a prática avaliativa está ligada ao modelo pedagógico adotado pelo professor. Para isso, é fundamental que a implementação de práticas avaliativas investigativas que considerem o processo, valorize os diferentes saberes e promovam a inclusão. Dessa forma, é imprescindível que o ensino de matemática priorize avaliações dialógicas que permitam aos estudantes refletirem sobre as suas experiências e saberes. Esse diálogo deve servir de base para que os alunos possam tomar decisões que levem a resultados mais satisfatórios, não apenas em termos acadêmicos, mas também na construção de uma compreensão mais profunda da matemática em relação à sua realidade.

REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 44 e 45.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: visão geral**. Entrevista concedida ao Jornalista Paulo Camargo, São Paulo, publicado no caderno do Colégio Uirapuru, Sorocaba, estado de São Paulo, por ocasião da Conferência: Avaliação da Aprendizagem na Escola, Colégio Uirapuru, Sorocaba, SP, 8 de outubro de 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.